

Diversão & Arte



O início de uma saga Marvel

Chega aos cinemas o longa *Homem-Formiga e a Vespa: Quantumania*, primeiro filme da Marvel do ano e a porta de entrada para uma nova fase do estúdio

» PEDRO IBARRA

O Homem-Formiga sempre foi um dos heróis mais despretensiosos da Marvel. O personagem, muito bem interpretado por Paul Rudd, chegou atrasado nas histórias dos heróis mais poderosos do mundo e parecia ser sempre um alívio cômico para momentos tensos. Porém, chegou a hora de o personagem, ao lado parceira Vespa, assumir um maior protagonismo dentro do gigantesco Universo Cinematográfico Marvel (MCU) e isso chega nos cinemas, a partir da noite de hoje, com *Homem-Formiga e a Vespa: Quantumania*.

O longa acompanha Scott Lang (Paul Rudd), Hope van Dyne (Evangeline Lilly), Janet van Dyne (Michelle Pfeiffer), Hank Pym (Michael Douglas) e Cassie Lang (Kathryn Newton) em uma viagem para o Reino Quântico, um lugar não explorado por seres humanos, mas onde há vida, um lugar capaz de ligar todas as linhas de tempo que correm paralelamente na Marvel e já foram apresentadas em *Doutor Estranho no Multiverso da Loucura* e no seriado *Loki*.

Um acidente coloca todos dentro deste mundo desconhecido e em contato com um personagem marcante, Kang, que é uma das apostas futuras do estúdio. O personagem é um dos vilões mais poderosos da Marvel

e tem o poder de viajar entre as linhas do tempo. Em *Loki*, ele já foi apresentado como o Guardião do Tempo ou Aquele Que Permanece, mas nunca em um tom de vilania. Kang é vilão raiz, e já se sabe que será um dos maiores desta nova fase da Marvel, visto que o nome do próximo grande filme do estúdio, e já revelado, é *Vingadores: Dinastia Kang*.

Homem-Formiga e a Vespa: Quantumania foi recebido de forma mista internacionalmente. As críticas só serão publicadas nos próximos dias, mas jornalistas que compareceram à premiere destacaram o tom aventureiro da produção e, principalmente, o bom trabalho de Jonathan Majors como o vilão Kang. O longa foi comparado com a franquia Star Wars e as cenas pós-créditos foram muito elogiadas pelos presentes.

O filme, portanto, não apenas abre mais um ano de lançamentos do MCU, como toda uma nova fase, de uma saga que adapta os quadrinhos que tratam do tema multiverso, e que abre um leque quase infinito de possibilidades de histórias e introdução de personagens para este mundo, que já tem mais de 10 anos no topo das bilheterias globalmente. *Homem-Formiga e a Vespa: Quantumania* coloca um personagem, antes apenas engraçado e pequeno, no panteão de desbravador de uma nova era e aumenta as expectativas para mais uma geração, ainda mais vasta e complexa, na Marvel.



O QUE VOCÊ PRECISA ASSISTIR PARA ENTENDER

Com as chegadas das séries dentro do universo Marvel, fica cada vez mais complexo acompanhar tudo que está em trânsito no MCU. Por isso o *Correio* faz uma lista do que é preciso ver para entender o novo lançamento.

Homem-Aranha: sem volta para casa e Doutor Estranho no multiverso da loucura

- Dois longas que não afetam diretamente na história do Homem-Formiga, mas fazem boas explicações de como funciona o multiverso do MCU

Loki

- A série apresenta como é o entendimento

de tempo da Marvel e faz a primeira apresentação de Jonathan Majors na Marvel, ainda não como Kang, mas como um dos nomes que o personagem tem.

Vingadores: Ultimato

- A última aparição do Homem-Formiga em filmes da Marvel, e a primeira vez que o Reino Quântico é usado como artifício para resolver algum problema das histórias de super-heróis.

Filmes anteriores do Homem-Formiga

- É necessário conhecer a história de fundo dos personagens que chegaram até o terceiro filme do herói que encolhe.



Brasilienses em Berlim

» RICARDO DAEHN

A 73ª edição do Festival de Berlim começa amanhã — com o júri presidido pela mais jovem selecionada, Kristen Stewart, atriz de filmes como *Crepúsculo* e *Spencer* (que lhe rendeu indicação ao Oscar de atriz). E puxando de talentos brasilienses no histórico festival, depois que lançou luz sobre personalidades como Maria Augusta Ramos, Karim Aïnouz e Adirley Queirós (ao lado de Joana Pimenta), ex-integrante da comitiva que levou o longa ceilandense *Mato seco em chamas* para a mostra Fórum, no ano passado. Em 2023, a edição destaca os diretores locais Rafaela Camelo e Emanuel Lavor, na competitiva de curtas, ambos à frente de *As miçangas*.

Estendido até 26 de fevereiro, o festival alemão apresentará o curta candango, no próximo domingo. “Tive minha formação em Brasília, e em 2019, com *O mistério da carne*, participei do Festival de Sundance (EUA). A partir dali, consegui uma projeção e a pensar em lugares maiores, em termos de produção. Chegamos ao cenário internacional, depois de muitas revisões de roteiros e de debates de criação”, conta Rafaela Camelo.

“O curta *As miçangas* aborda a temática do aborto com certa naturalidade. Mas não como se fosse algo cotidiano, ordinário, porque certamente aquele momento ali marcou as personagens, eternamente. Trazemos um pacto de confiança e irmandade”, revela uma das atrizes do filme, Tícia Ferraz. Diante de semelhanças físicas, Tícia confessa, por vezes, se confundir com a parceira de cena, Pâmela Germano.

“Cada um (Rafaela e eu) dirigirá um filme novo. Essa experiência atual, com o curta, agrega muito valor a nossas trajetórias. Houve a notícia maravilhosa de estarmos aprovados em prévia de um edital da Ancine (Agência Nacional do Cinema) para novos realizadores. Estar em Berlim

traz muito valor para nossos processos de criação dos (futuros) longas”, explica Emanuel Lavor, codiretor de *As miçangas*, fomentado por mestrado, com estudos na Escola Internacional de Cinema e Televisão de Cuba. Na capital, Lavor é lembrado pela codireção (com Pedro Buson) do curta *O pequeno chupa dedo*.

Quase 15 anos depois de selecionado para o Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, com *Amigos de risco*, Daniel Bandeira estará, na mostra Panorama, com o longa *Propriedade*, em que trabalhadores expulsos latifundiários do campo. Outro longa, *O estranho*, de Flora Dias e Juruna Mallon, traz o ator brasileiro Rômulo Braga, numa trama coproduzida com a França, e que enfoca o aeroporto de Guarulhos, construído em cima de secular terreno indígena. Em Berlim, o Brasil também estará representado em mostras paralelas, com os curtas *Infantaria* e *A árvore* (uma coprodução com a Espanha). O segundo, selecionado para o segmento Fórum, traz a diretora Ana Vaz, nascida em Brasília, que enfoca parte da vida do pai dela, Guilherme.

Perto de filmar o primeiro longa, em decorrência de conquista do Sundance Documentary Film Fund, a diretora — que tem vivências no sul da Austrália, em Portugal e na França — é lembrada por instalações e projetos com performances e que enfatizam o peso da palavra. No filme *A árvore*, a diretora conta que se inspirou no cinema experimental de Bruce Bailie (morto em 2020). Na mesma edição do festival que reservou um Urso de Ouro honorário para o diretor Steven Spielberg, que segundo os organizadores, trouxe um “novo significado à palavra cinema”, Berlim ainda acolherá o curta *Infantaria* (selecionado para o segmento Geração 14 Plus), de Laís Santos Araújo, que trata de estranhos sonhos de aniversário numa festa muito colorida.

DUAS PERGUNTAS // Tícia Ferraz, atriz

Qual o tom de *As miçangas*?

Para mim, é um filme, ao mesmo tempo, realista e fantasioso. É ambientado no cerrado, protagonizado por duas mulheres e uma serpente. Costumamos dizer que a jiboia é outra personagem, com presença muito forte. Meu personagem, Let, é testemunha e cúmplice (do aborto). Até certo ponto, eu posso ajudar, mas tem uma jornada solitária que só a outra personagem pode fazer.

Como foi teu processo de atuação?

Eu me sinto a Let,

personagem do filme, porque, em partes, sou mesmo ela. Colocamos muito de nossas personalidades no filme. Maturamos essa história por um bom tempo também. Passou um ano desde o momento em que inscrevemos no FAC até as gravações. Me sinto muito contente em fazer parte dessa história e da equipe. Acredito no potencial que esse filme tem de mobilizar as pessoas acerca de um tema tão relevante. E falar sobre isso com leveza é o que a gente precisa.